

O muito que devo fazer

Homilia na eucaristia da Festa de Sto. António

Nestas festas populares existe uma preocupação, muitas vezes exclusiva, pelos momentos de lazer e convívio.

É algo humano e, por isso, importante. Só que não é suficiente. Numa região, como a nossa, não podemos deixar de apostar em mais alguma coisa. Há uma mensagem que o Santo nos comunica. Neste caso, St. António, com uma vida fora do nosso contexto social e eclesial, deve ser olhado com frontalidade para recolher o essencial que nos legou. Ele é grande taumaturgo porque é um grande Santo.

Foi pela sua Santidade que se tornou o português mais conhecido de todos os tempos. Hoje poderemos ter outros que andam mais na boca das pessoas. A fama passa e com esta são relegados para o esquecimento. Com tantos séculos passados, Sto. António, mesmo com um nome diferente noutra país (Sto. António de Pádua), continua a ultrapassar os critérios duma vida efémera. Marcou a época e continua a marcar.

Quero recorda-lo como o homem, o cristão, o Santo, que deixou um paradigma de vida. Em tempo de crise muitos continuam a sonhar nos tempos passados e iludem-se com o seu possível regresso. Estamos numa era nova e perante um novo mundo. Os critérios que nortearam a vida com grandes projetos humanos faliram e não voltam mais. A crise diz-nos, quer queiramos ou não, que teremos de encarar um novo modo de viver alicerçado naquilo que permanece e não na simples envolvência dum possível bem estar sem pedir nada a cada um. Trata-se de redescobrir um novo modo de ser homem e mulher. Entrar no interior e partir daí para estruturar uma vida nova com critérios e opções que não sejam passageiros.

S. Paulo dizia a Timóteo: “Tempo virá em que os homens não suportarão mais a sã doutrina: mas, desejosos de ouvir novidades, escolherão para si uma multidão de mestres, ao sabor das suas paixões, e deixarão os ouvidos da verdade, voltando-se para fábulas” (2 Tim, 4-7).

St. António era um corajoso paladino da verdade e na sua boca só estava a sã doutrina. Hoje, recordando-o e sem pensar muito, teremos de reconhecer que a sociedade hodierna fugiu do Mestre para se refugiar numa multidão anónima de pensamentos que a influenciou, negando-lhe um verdadeiro sentido, caminhando longe da verdade autêntica e colocando os seus ouvidos em fábulas mais sonantes e atrativas para satisfazer assim as paixões do imediato sem critério nem profundidade. Este parece-me um retrato dos tempos atuais e a sociedade regenerar-se-á com uma aposta – em todas as idades – em homens e mulheres novos que olhando para si recompõem a vida através de critérios novos e valores marcados pela perenidade e que sejam apoiados pela sociedade civil, através duma legislação verdadeiramente humanista, que seja capaz de oferecer uma sociedade nova.

Delineando uma perspetiva dum necessário humanismo novo, com a coragem de apostar em comportamentos inéditos para reconstruir personalidades, recordo que Sto. António servia-se, na sua pregação – válida para aquele tempo e importantíssimo para hoje – dum exemplo apresentado por Sto. Isidoro de Sevilha. Este dizia que a águia colocava no ninho três ovos, rejeitando posteriormente um, pensando que só tem capacidade para alimentar dois.

St. António comentava dizendo que não se pode alimentar em simultâneo três amores: o amor a Deus, o amor ao próximo e o amor ao próprio. Como só há capacidade para alimentar dois importa deitar fora o

terceiro. Daí que o cristão deve afastar do seu coração o amor próprio para levar a plena maturidade o amor a Deus e aos outros na certeza de que estes dois amores irão, como consequência, tornar verdadeiro, autêntico e realizar o amor a si mesmo. Hoje colocamos de lado o amor a Deus, reduzindo-o na vida dos cristãos a hábitos rotineiros e ocasionais, e não encaramos com energia a responsabilidade de dar espaço aos outros. Por isso, ficamos só com o amor a nós próprios que nunca nos sacia suficientemente, que fez com que desconsideremos os outros apostando no lucro fácil, na opressão, na prepotência das nossas ideias, na corrida permanente aos direitos sem reconhecermos a importância dos deveres.

Porque invertemos a lógica destes princípios ficamos com o vazio e a insatisfação. Até hoje acreditamos que a felicidade residia no ter: coisas, dinheiro, pessoas, objetos, importância, poder, ideias próprias. Se não mudarmos de comportamentos para voltar à importância de ser homens e mulheres humildes que procuram a verdade, pobres que se contentam com o essencial, atentos a todos e generosos perante os necessitados não conseguiremos uma sociedade humana justa. Continuarão os fortes a oprimir os fracos, os partidos a apoiar os correligionários, os interesses pessoais ou de grupo a liquidar os outros, a demagogia da opressão a destruir o verdadeiro espírito da democracia, o dinheiro a não ser partilhado ou a ser ganho sem o trabalho justo ou para além de critérios de sadia equidade.

Tudo isto são itinerários duma conversão que poderá salvar o mundo alterando muita coisa. St. António, na sua pregação, combatia, muitas vezes, a heresia dos chamados cátaros (puros), ou seja, daqueles que pensavam que a Igreja, nos seus fiéis, caminho para a santidade mas reconhece-se como pecadora, limitada, comunhão fraterna que necessita de alterar costumes e

comportamentos. Uma conversão de nós cristãos deve acontecer todos os dias.

Se hoje tivermos a coragem de ser Igreja que se deixa tocar pelas exigências da Palavra de Deus e não ter vergonha de ser um sinal de contradição no mundo que se contenta com discursos de auto elogio e de permanente condenação dos outros que são os culpados de tudo – isto em termos individuais ou de grupo, na rua ou no parlamento, na comunicação local ou nacional... - começaremos a ter o direito de esperar que as coisas se alterem. Há tanta expectativa errada! Tantos sonhos irreais! Tantas ilusões prometidas... Entremos dentro de nós e comecemos, a partir daí, a construir uma sociedade mais humana.

St. António ensinava e vivia uma coisa importantíssima: dizia que devíamos “pedir Deus a Deus”. É de Deus que nós precisamos e isto devemos aprender a pedir a Deus. Meditemos nesta frase e procuremos entendê-la. “Pedir Deus a Deus”. Porque com Deus tudo mudará!

A reprodução artística das imagens de St. António coloca Cristo nos seus braços. Não poderá ser elucidativa esta figura? Se a nossa vida for uma aposta nesta comunhão com Cristo muita coisa muda. Acreditemos em duas coisas. **1 - Tudo parte de cada um:** “Quem acredita numa nova primavera semeia sempre no inverno” (autor desconhecido). **2 – Devemos salvar o mundo com a nossa vida:** “Quando eu nasci, as palavras que deviam salvar a humanidade estavam ditas, só faltava uma coisa: salvar a humanidade” (Almada Negreiros).

Que St. António nos conceda esta graça de termos Deus (Cristo ao colo) para mudar o mundo!

† Jorge Ortiga, A.P.

13 de Junho, V. N. de Famalicão.

